

GARRUCHA

Glaucus Saraiva

Garrucha de olheiras fundas
que traz a morte nos olhos.
Recordo, quando desfolho
as tuas glórias passadas,
relinchos de almas penadas
que andam rondando taperas,
assombrações de outras eras
quando tua voz era lei.
Quando o gaúcho era rei
e tu, soberba rainha,
representavas, sozinha,
uma epopéia de glória.

Ora trançavas a história
de algum taura romanesco,
ou o episódio dantesco
de uma batalha pampeana.
A tua voragem insana,
na pampa verde e bravía
a fogo e chumbo escrevia
odisséias imortais...
e vereditos brutais
a trombetear pronunciavas
quando - juiz - sentenciavas
nas tragédias passionais.

Nailharga de algum torena,
pacholeando em monarqueada,
foste prenda acariciada
como um corpo de mulher.
E se uma razão qualquer
te despertava a voragem,
se ouvia, louco e selvagem,
teu gargalhar seco e forte.

Garrucha, chasque de morte
nas vigilâncias soturnas.
Garrucha, mulher noturna
de amor sádico e fatal.
Teus lábios frios de metal,
incandescidos num beijo,

transmitiam num lampejo,
o teu carinho letal.

Nas festas grandes de Marte,
no salão verde do pago,
teu canto, rouco e pressago,
marcava o baile guerreiro.
O gaúcho caborteiro
te amou, garrucha nervosa,
marafona belicosa
das bacanais do enterevo.

Garrucha de olheiras fundas,
pobre rainha sem trono.
Postergada ao abandono
da amarga decrepitude
És o teu próprio ataúde
retovado de tristeza.
Da passada realeza
nada, nada resta agora.

Mas aqui tens a penhora,
numa triste melopéia,
desta minh'alma plebéia
que abichornada soluça
e em ritual se debruça
à sombra de tua memória,
na cadência merencórea
de uma última oração.

Porque somente o braço
de uma glória fenecida,
anima os restos de vida
na tua agonia presente.
Mas neste verso plangente
continuarás soberana,
pois és, garrucha aragana,
à beira da sepultura,
um símbolo da bravura
da eterna raça pampeana!